

Biden saiu melhor que a encomenda

Na política internacional, como na política interna, Joe Biden pode marcar o início da era pós-pandémica e da reinvenção necessária do capitalismo e da democracia.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 5 de maio de 2021

Durante a campanha eleitoral muitos disseram que Biden estava cansado e fraco. Que seria um Presidente de transição e que não deixaria marca na política americana. A sua única função seria abrir o caminho à presidência de Kamala Harris. No fim do mandato ou, quiçá, a meio do próprio mandato. Enganaram-se, redondamente. E os 100 dias de Biden, Presidente, [mostraram o contrário](#).

Primeiro, Biden superou não só todas as expectativas, como os próprios objectivos de curto prazo definidos no discurso de posse: na luta contra a pandemia e na recuperação da economia. Segundo, [o discurso dos 100 dias](#) não só inscreveu uma marca política forte como parece ter um significado de longo prazo: na política interna como na política externa. Vamos por partes.

Primeiro, a pandemia. Durante a campanha eleitoral, Biden prometeu uma ruptura total com a atitude errática e populista de Trump sobre a crise pandémica. E quando chegou à presidência levava já um plano definido de combate à pandemia que pôs em prática de imediato: uso obrigatório da máscara e um ambicioso plano de vacinação em massa. Anunciou um milhão de vacinas por dia e que chegaria aos 100 dias com 100 milhões de vacinados. Vacinou dois milhões por dia e os Estados Unidos têm hoje mais de 243 milhões de americanos vacinados de todas as idades. Isto é, quase 50% da população americana. Na luta contra a pandemia, Biden ultrapassou todas as metas. E anunciou para o 4 de Julho, o dia da festa nacional americana, [a imunidade de grupo](#).

Mas não foi menos rápido nem menos ambicioso na recuperação da economia. Fez aprovar no Congresso, com o apoio de democratas e republicanos, [um Plano de Estímulo à Economia](#) no valor de 1,9 triliões de dólares. O que, somado aos pacotes anteriores, atinge, no seu conjunto, um valor de mais de 4 triliões de dólares.

Injectados directamente na economia americana: nos Estados, nas empresas e nas famílias, que receberam na sua conta bancária 1400 dólares por pessoa do agregado familiar. A dimensão do montante, a rapidez do processo e a injeção directa do financiamento, associadas ao dinamismo do tecido empresarial americano, puseram a economia a funcionar: criaram 1.3 milhões de empregos e as taxas de crescimento previstas só são comparáveis às da era Reagan (6,4% em 2021, segundo o FMI).

Mas estes eram, apenas, os objectivos de curto prazo. Porém, o discurso dos 100 dias parece projectar uma marca histórica no longo prazo. Primeiro, na política interna. Concretizado o Plano de Estímulo à Economia, Biden anunciou mais dois planos num total de 4,1 triliões de dólares e com enorme impacto económico e social: [um Plano para as Infra-estruturas](#), destinado à construção e revalorização das infra-estruturas e

criação de emprego, e [um Plano Família](#) para garantir dois anos de pré-escolar gratuito, estender a escolaridade obrigatória para os 14 anos, apoiar as universidades públicas e financiar licenças de apoio à família.

Tudo isto obrigará, certamente, ao aumento da despesa pública. Mas, afirma Biden, não será feito nem à custa do aumento do défice nem à custa da classe média. Será pago com [um aumento de impostos sobre os mais ricos](#). Os mais ricos, esclareça-se, são os que têm um rendimento anual superior a 400 mil dólares (332 mil euros) e que pagarão uma taxa máxima de 39,6%.

Mas que significado político terão estas medidas? Primeiro, o regresso do Estado à economia e, segundo, a luta contra as desigualdades e a marca social das suas políticas públicas. Biden pode vir a ser o Presidente mais *rooseveltiano* desde Roosevelt. Segundo, na política externa. Era óbvio que a política externa de Biden significaria uma ruptura com a *America First* de Trump. Mas muitos pensaram que seria apenas uma espécie de Obama 2. Ora, o que os 100 dias da administração Biden mostraram é que também estes estavam enganados. Biden percebeu que o mundo mudou e que a hegemonia americana, ontem incontestável, é hoje disputada pelas potências autoritárias. Trouxe de volta os princípios e os valores tradicionais da ordem liberal americana: o reforço das instituições multilaterais; a revitalização das alianças; e a defesa da democracia e dos direitos humanos. Mas percebeu que não perder a liderança global e garantir uma ordem liberal e democrática obriga a uma outra política externa: mais assertiva e mais robusta. Na política internacional, como na política interna, pode marcar o início da era pós-pandémica e da reinvenção necessária do capitalismo e da democracia.

<https://www.publico.pt/2021/05/05/opiniao/noticia/biden-saiu-melhor-encomenda-1961167>